

Religiosidades no sertão profundo: pluralidade de matrizes espirituais em uma família de Cedro - Ceará¹

Vinicius Fernandes Evangelista (UFC/CE)²

Érica Fernandes Dias (UFC/CE)³

Resumo

A pesquisa intitulada *Religiosidades no sertão profundo: pluralidade de matrizes espirituais em uma família de Cedro - Ceará* debate a influência de diversas religiosidades no imaginário de um grupo familiar, parentes dos autores, que reside majoritariamente em Cedro, município localizado no sertão da região Centro-Sul do Ceará. O presente trabalho é parte de uma dissertação em construção do programa associado do Mestrado em Antropologia da Universidade Federal do Ceará e da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa/interpretativa, para melhor compreender: até que ponto as religiosidades etnografadas apresentam arranjos únicos de crenças?; se os elementos destas religiosidades estão circunscritos apenas ao referido grupo familiar, ou se estes transcendem ao seu entorno imediato? Estas perguntas de partida baseiam-se na investigação sobre como os sujeitos da pesquisa constroem e materializam o espiritual, o religioso e o simbólico, no território onde estão inseridos. Diante da realidade observada no campo, mediante a análise das entrevistas, da comparação do material com cosmocepções e etnografias provenientes de diferentes matrizes étnicas e religiosas - em diálogo com autores como Juana Elbein dos Santos (1986), Sobonfu Somé (2007), Grunewald e Savoldi (2020) - constatou-se, até aqui, que existe uma imensa complexidade de influências nas crenças e rituais etnografados ao longo da construção do campo. Uma série de elementos trazidos pelos entrevistados (vocábulos, rituais) são encontrados em grupos de cangaceiros antigos e em povos indígenas do Norte e do nordeste do Brasil - e em povos da África. Outras dimensões também são analisadas: a memória afetiva que esses sujeitos têm com o passado, no qual a

¹ "Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024)"

² Licenciado em Ciências Sociais (UFC) e em Pedagogia (Unifaveni), Mestrando em Antropologia (UFC/UNILAB)

³ Licenciada em Letras-Português e suas Literaturas (UECE), Especialista em Ensino de Língua Portuguesa (UECE) e Mestre em Avaliação de Políticas Públicas (UFC)

espiritualidade era celebrada, porém de forma diferente; a relação entre diferentes gerações perante o sagrado; a relação dos sujeitos da pesquisa com entes espirituais não-humanos e com a feitiçaria. Para uma melhor compreensão do imaginário estudado, foi necessário entrevistar sujeitos que não eram do grupo familiar, mas que eram considerados mestres espirituais por este e por outras pessoas da cidade. Alguns personagens populares da região são retratados nessa discussão, pois, em Cedro, além de entidades não-humanas, há também pessoas “super-humanas” muito populares, isto é, pessoas que são consideradas capazes de realizar o sobrenatural com uma facilidade aparentemente maior que a maioria. Por fim, compreende-se que há nesta pesquisa um relevante potencial para o estudo das dinâmicas das religiosidades no interior do Ceará.

Palavras-chave: Antropologia da religião; Religiosidades afro-indígenas; Sertão Profundo.

Introdução

O seguinte trabalho propõe-se a debater a influência de diversas religiosidades⁴ no imaginário religioso e sagrado de um grupo familiar que reside, majoritariamente em Cedro, no sertão profundo da região Centro-Sul do Ceará. Os sujeitos da pesquisa são descendentes de uma composição etnicorracial diversa, as crenças do grupo apresentaram-se de forma extremamente plural, o que aponta para a ideia de que há um arranjo peculiar de influências tradicionais ameríndias e africanas e do cristianismo na fé dos entrevistados.

Optou-se por uma de abordagem qualitativa/interpretativa, com o objetivo de compreender se as religiosidades etnografadas apresentam arranjos únicos de crenças?; se os elementos destas religiosidades estão circunscritos apenas ao referido grupo familiar, ou se estes transcendem ao seu entorno imediato? Estas perguntas buscam respostas para a investigação sobre como os sujeitos da pesquisa constroem e materializam o espiritual, o religioso e o simbólico, no território onde estão inseridos.

⁴ As religiosidades podem possuir elementos oriundos de raízes étnicas diferentes, no caso estudado, as comparações foram feitas primariamente com a espiritualidade dos povos Iorubá, Dagara, povos tradicionais da atual Guiné-Bissau, com conceitos da Umbanda, da Jurema, e do catolicismo rústico (isto é, aquele cristianismo ainda fortemente influenciado pelo seu modo antigo, por vezes cercado da crença na feitiçaria).

A pesquisa caracteriza-se pelo método etnográfico, a partir de entrevistas, registros de campo, pesquisa documental, por meio de consultas a materiais bibliográficos.

A observação primeira do campo, a realização das entrevistas, a primeira análise do material recolhido, deu-se num período aproximado de 6 meses (realizados entre 2020 e 2021), em Cedro - Ceará, presencialmente, com as limitações que a pandemia do COVID-19 imprimia. Algumas entrevistas foram feitas na modalidade à distância.

Este trabalho é, também, em alguma medida, um exercício de autoetnografia, tendo em vista que em diversos momentos não houve o distanciamento entre pesquisador e objeto, mas sim a preocupação com a transmissão nítida das experiências e com a situação dos locais dos pesquisados e dos pesquisadores, no processo de construção da pesquisa. O fazer uso da memória do pesquisador, da experiência vivida e sentida na construção deste trabalho, ora o trazia para dentro da realidade pesquisada, nessa tarefa de “etnografar o familiar”, remete ao que dizem Velho (1981) e Becker (1977):

“Quando os sociólogos realizam estudos de problemas que têm relevância para o mundo em que vivemos, eles se descobrem no meio de um fogo cruzado. Alguns os pressionam para não tomar partido, para serem neutros e fazerem a pesquisa que seja tecnicamente correta e livre de valores. Outros lhes dizem que seu trabalho é superficial e inútil se não expressa um compromisso profundo com uma posição de valor. Esse dilema, que a muitos parece tão doloroso, na realidade não existe, pois um de seus tentáculos é imaginário. Para que ele exista, é necessário que alguém suponha, como alguns aparentemente o fazem, que na verdade é possível fazer uma pesquisa que não seja contaminada por simpatias pessoais e políticas. Proponho argumentar que isso não é possível e, portanto, que a questão não é se devemos ou não tomar partido, já que inevitavelmente o faremos, mas sim de que lado estamos nós.” (BECKER, 1977, p. 122)

Por fim, esta pesquisa busca contribuir para o estudo das dinâmicas das religiosidades no interior do Ceará, esse espaço tão marcado pela pluralidade de influências nas suas crenças, cria de um imenso fluxo de intercâmbios culturais.

Definições

Adota-se, neste estudo, como definições dos conceitos de *religião* e *religiosidade* aquelas descritas por Grūnewald e Savoldi (2020). A descrição do conceito de religião trazida por esses autores a conceitua como aquela (s) religiosidade (s) que possuem um maior grau de institucionalização e de padronização. O conceito de religiosidade, por sua vez, significa um conjunto de elementos da fé - que podem ser oriundos de diferentes matrizes - que não possuem um grau avançado de institucionalização ou de padronização. As rezas cangaceiras, estudadas por Teles (2018), são um exemplo nítido de religiosidade, pois eram rezas praticadas por um grupo não delimitado de sujeitos e essas apresentavam uma diversidade de formas de manifestação ao invés de uma única forma.

Outro conceito central abordado nesse estudo é o de *sertão profundo*. De acordo com Schouten (2005), a expressão significa a mistura de uma dimensão real com uma dimensão “imaginária” daquilo que é sertanejo - recheada de figuras místicas, por vezes associadas a espaços remotos como os sertões cearenses. Schouten também discute a ideia de uma “dobra no tempo”⁵ que tornaria esses ambientes ainda mais peculiares.

A partir da observação desses conceitos e bebendo das reflexões promovidas por esses autores, inicia-se, a seguir, a descrição do campo.

Ruptura da tradição ancestral e a questão intergeracional perante o sagrado

Grūnewald pontua, ao debater sobre as diferentes tradições que construíram religiosidades de caráter fluido como a Jurema, o Santo Daime, e diversas outras religiões como a Umbanda e o próprio catolicismo, que:

“As histórias dessas religiosidades são construídas pelas pessoas que as fazem na ação, contestando e negociando significados em contato com tradições religiosas (espirituais, místicas) diversas com as quais entram em contato – especialmente com setores do catolicismo e da umbanda – e a partir de um lugar dialógico no qual vão construindo sua existência cultural. Aqui, como Asad, vemos “não apenas um trabalho incessante de criação humana, mas também um caráter instável e híbrido de sua criação” (Asad 1993: 2). Além disso, as pessoas que experimentam essas religiosidades (e as próprias religiosidades), mesmo que localizadas, não devem ser pensadas como

⁵ Uma espécie de distorção causada por um número considerável de fluxos migratórios, conflitos, desigualdades e outras coisas mais, configurando um ambiente em geral conservador e hostil.

enraizadas, pois movimento e comunicação são fundamentais para suas composições de uma maneira geral.” (GRÜNEWALD, 2018, p. 112-113)

Esse mesmo processo de sincretização é visualizado na construção das religiosidades aqui etnografadas: elementos de origem aparentemente africana ou indígena emergiram nos dados etnografados. Um dos pontos relevantes, que surgiu durante o campo, foi o lamento que os entrevistados demonstraram, quando questionados sobre a continuidade de suas práticas espirituais originais. Isso ficou bem demarcado na fala de E3 (2020):

“Eu parei de ir pra casa de reza, mas nunca deixei de estudar. Vez ou outra vem alguém aqui, eu converso sobre isso, o povo antigo (os mais velhos) ainda sabem..” (Entrevistado 3)

O entrevistado E3 reclamou bastante sobre a diferença que há no interesse pela feitiçaria entre as diferentes gerações. Nos tempos mais antigos, segundo ele, o interesse pelo sobrenatural era talvez o principal guia da vida da maioria das pessoas. *“A intimidade com os espíritos era maior”* falou. E3 lamentou ter perdido os cadernos nos quais praticava a alfabetização, por meio da escrita de rezas. Lastimou que tudo mais tenha *“se perdido”*: os costumes, as noções de comunidade, de saúde e de amor antigas, etc. Incomodava-o, profundamente, o fato de não ter desenvolvido, como queria, as habilidades que seus ancestrais desenvolveram de forma integral. Recordava-se de que:

“O meu tio sabia muito de reza [...] era uma coisa que se passava de pai pra filho, se aprendia observando os mais velhos e indo para as casas de reza. Lá era onde se ensinava a oração e as coisas do ‘outro mundo’” (Entrevistado 3)

Uma outra área interessante das entrevistas foi observada quando se tratou da origem do mundo, das pessoas e das coisas (contos de origem- ao observar as falas, percebe-se que existem diversos portais que acessam o sertão profundo - é como se fossem pontos, no âmbito do que denominamos sertão físico).

Três entrevistados (E1, E2 e E3) fizeram referências à uma época chamada de *“outro mundo”*⁶. Nessa época, as pessoas eram mágicas, próximas da natureza e dos bichos e viviam sob uma relativa harmonia. O *“outro mundo”* é citado com um tom de

⁶ O *“outro mundo”* seria um conjunto de coisas que se referem ao mundo espiritual. Algumas vezes foi utilizado pelos entrevistados para se referir ao mundo real, mas num tempo de pelo menos um século atrás.

saudade e aparentemente ainda está presente no nosso mundo, entretanto de uma maneira fragmentada ou defeituosa, devido os desvios causados pela fragmentação identitária e espiritual causada pela secularização.

Para E2 (2020), esse outro mundo:

“Era quando tudo era mais bonito, tranquilo. Mas o outro mundo não existe mais não. Tem uma coisa aqui e outra acolá que acontece e faz a gente ver, mas não é como era no outro mundo não. Lá era tudo como devia ser.”
(Entrevistado 2)

Para E3, esse distanciamento é motivo de profundo lamento, pois fala dessa questão com os mesmos ares de quando trata acerca do desinteresse das novas gerações pelas coisas desse “outro mundo”. Relatou ainda que aprendeu sobre as coisas do outro mundo com seu pai, e afirmou que o grupo familiar aqui estudado descende desses seres, que antes eram mágicos.

Érica Fernandes Dias, em Academia Cedrense de Letras, Antologia literária do centenário de Cedro (2021), corrobora com a fala de E3, quando disse:

“Preciso compreender minha ancestralidade e o quanto fui e sou impelida para fora dessa busca, desse firmamento. Cedro é o meu indez, lugar de memórias, terra que carrega minha história de vida latente, pulsante, viva. Lugar de encontro comigo e com os meus... Essa é a minha bússola no mundo. Hoje compreendo que Cedro sempre será minha casa, lugar de saberes múltiplos, fios de uma tessitura que a muitas mãos vai revelando a beleza da vida e do encontro entre gerações. Cedro mora em mim — raiz — e eu sou semente de Cedro jogada ao mundo-fruto.” (ACADEMIA CEDRENSE DE LETRAS, 2021, p. 66)

Essa ruptura com os ensinamentos antigos é um lamento expressado tanto pelo entrevistado E2 quanto pelo E3, ambos de famílias que habitam Cedro, há algumas gerações. E2 não é da família de E3, sendo um dos poucos entrevistados que são exteriores ao grupo familiar do pesquisador.

No decorrer das entrevistas, eram perceptíveis a surpresa e a agitação dos entrevistados ao virem alguém jovem interessado na feitiçaria antiga. Não é comum esse interesse pelos jovens da cidade. Isso causou um certo estranhamento. Cedro traz

uma realidade que se perpetua há gerações: parte considerável dos jovens sai da cidade, por não encontrar meios para um crescimento econômico, ou se volta estritamente para suas atividades cotidianas (o trabalho na roça, no agronegócio, no comércio ou algumas atividades recreativas, que em geral estão mais relacionadas com esses dois setores econômicos do que com os ensinamentos dos povos tradicionais).

Entre uma pergunta e outra, os entrevistados recordavam as rezas que aprenderam, quando criança e tentavam oralizá-las. Algumas ainda emergiam na íntegra, outras vinham em trechos, mas todas ainda latentes em cada um.

O Sagrado assim como o religioso são elementos que permeiam esse debate, pois buscou-se, enquanto entrevistava-se os sujeitos da pesquisa, captar as manifestações que estes relatavam no campo religioso/sagrado. O sagrado é uma celebração da ancestralidade e quando este é abandonado, também os anciãos ficam, por vezes, sem ter o valor (re) conhecido, dentro do tecido social - aquele de oradores (contadores de histórias), de conselheiros, de guias espirituais. Desta forma, há uma ruptura da tradição ancestral e a questão intergeracional perante o sagrado.

Influência multiétnica na religiosidade: analisando as entrevistas com mestres e grupo familiar.

E3 foi o mais extensamente entrevistado sobre a herança ritual da família. Descreveu uma série de práticas que havia aprendido com seus pais e tios. Esses ensinamentos vão desde o plantio, passando pela produção de medicinas como o rapé, chás, infusões, chegando até processos complexos como a extração das raízes da jurema ou rituais de sacrifício e oferenda específicos. Ele descreveu um ritual no qual era utilizado uma ave, que seria sacrificada em troca da garantia de benefícios ao iniciante. Em muito, o descrito pelo entrevistado E3 se assemelha ao que Santos (1986) descreve como ritual de sacrifício dos povos Iorubá - por vezes usado para garantir bênçãos e livramentos aos praticantes.

Os entrevistados E3 e E4 (2020), em determinado momento, estavam juntos e falaram sobre um tipo de feitiço que haviam presenciado há anos, e que fora realizado por um homem feiticeiro da região:

“Ele fazia a reza com algumas folhas, pedia para se afastarem dele, pois estava com o corpo aberto. A vaca estava sangrando, e muito, não tinha como ela ter parado de sangrar daquela forma. (Entrevistado 3)

“Ele dizia que estava com o corpo aberto porque deveria ter dormido com alguma mulher na noite passada. Dizia algumas palavras e fazia uns riscos, colocando as folhas em cima do ferimento. Quando dava fê, a vaca tinha parado o sangramento”. (Entrevistado 4)

O ritual descrito por E3 e E4 converge com o que Grunewald e Savoldi (2020) descrevem como “jurema arriada” (ou ciência dos pontos riscados). Vale citar que a Jurema é, por vezes, considerada, dentro da antropologia, como uma espécie de religião/religiosidade indígena, mais comum no nordeste do país. O entrevistado E3 também apresentou narrativas que, em algum grau, se assemelham ao que indígenas do Norte, como os Yanomami, descrevem sobre suas relações com os espíritos:

“Já é de quando você nasce, já. Cada família tem seus espíritos, que nos momentos de necessidade aparecem. Muita coisa na nossa vida são eles que colocaram, mesmo sem a gente perceber. Às vezes é um dinheiro que se acha no chão, ou sorte nas vendas, mas é sempre os encantados, eles estão lá sussurrando nos ouvidos o que deve ser feito. É a gente que é moco pra escutar. ” (E3 2020)

Daí, vê-se que é importante que as pessoas que são/estão conectadas com os espíritos e os encantados tratem de suas interações com cuidado. A perda de um encantado é a perda de uma segurança enorme, além de trazer um desequilíbrio para outras áreas da vida. O cultivo de uma relação com os encantados (espíritos), portanto, é de se estudar, caso se queira entender mais sobre como se dão as relações entre humanos e não-humanos.

Na oralidade de E3 e E4 há uma tendência a apontar a atividade da caça como um tanto sagrada, segundo eles, os caçadores têm mais facilidade de entrar em contato com as coisas do “outro mundo”. A atividade da caça, em si, já é uma forma de treinar a mente, as emoções e o corpo para as demandas do espírito. Um bom caçador, portanto, teria mais facilidade de desenvolver sensorialidades sobrenaturais. E4 (2020), sobre isto, disse:

“Dizem que o caçador que ‘é bom’ vê ‘as coisas’. Quando você se mete no meio da mata pra caçar, tudo tá de olho em você. Você pode até pensar que o

bicho não lhe viu chegar, mas ele vê. Na verdade, é a caipora que faz o bicho se entregar. Se o caçador não pede permissão para caçar na mata e não agrada os espíritos do lugar, a caça será muito mais difícil. ” (Entrevistado 4)

Davi Kopenawa (2015) também acredita especificamente que apenas caçadores assíduos e raros poderiam interagir com algumas classes de encantados. O ambiente que está ao redor do feiticeiro, por sua vez, é tão importante quanto o feiticeiro em si. Existe, por exemplo, uma série de recomendações a respeito de como se deve ornamentar uma casa, para que se mantenham mais espíritos bons que ruins. O entrevistado E3 recomendou que “não acendesse vela dentro de casa”. Essa mesma observação surge, ao observarmos as tradições orais de quilombolas, na obra de Silva (2020).

São muitos os sinais da influência africana nas religiosidades do campo, se olharmos para a própria Jurema, por exemplo, alguns dirão que esta, na contemporaneidade, é vista como uma mistura de influências - primariamente indígenas e africanas - que possui uma variedade enorme de expressões diferentes. Sobre isto, Grünewald (2018) pontua:

“Mais ainda, além dessa jurema [...] há que se levar em conta aspectos de outros campos religiosos nos quais a jurema se faz presente, se entrelaçando às religiosidades e espiritualidades ali manifestas, como no caso dos indígenas do Nordeste do Brasil, o catimbó, a umbanda e a religiosidade chamada mesmo simplesmente de jurema. Tais religiosidades, ainda, perpassam folgedos de algumas regiões do Nordeste do Brasil nos quais a jurema também se apresenta como uma força fundamental para a sustentação de tais tradições.” (GRÜNEWALD, 2018, p. 112)

Silva (2020) também descreve com profundidade uma série de recomendações que o rezador deve seguir para criar um bom espaço de convivência. Algumas plantas são recomendadas para que se tenha uma melhor segurança e bem-estar. Acender velas dentro de casa é visto como uma atitude perigosa porque o fogo tende a atrair espíritos de toda sorte para próximo da vela. O fogo é visto como um portal para o outro lado.

Em uma das entrevistas, E2 (2020) citou uma espécie de prática de descarrego que utiliza apenas dos corpos dos sujeitos para sua realização. A descrição lembra aquilo que Rodrigues (2008) expõe, ao debater sobre os curandeiros tradicionais,

especificamente, no momento em que trata de um dos curandeiros que realizava todo tipo de sorte, utilizando apenas as mãos:

“Você bota as mãos no corpo da pessoa, depois de já ter seguido os (preceitos) ditos, e começa a trabalhar. Com o tempo, você sente uma sensação de formigamento e um aumento na temperatura, mesmo que as mãos estejam paradas ou se movendo pouco, sentirá a pele da outra pessoa como se sente brasa. Aqui é preciso manter a calma porque qualquer pensamento pesado pode carregar a pessoa, você tem que ser leve.” (Entrevistado 2)

Curiosamente, E2 apresentou uma forma peculiar de lidar com as coisas do “outro mundo” em seu cotidiano: aparentava ter mais familiaridade que todos os outros entrevistados com as ocorrências de manifestações mágicas. Afirmou ter um contato constante com outras pessoas, através de sonhos, uma habilidade que não se limita ao grupo familiar estudado.

Sobonfu Somé (2007) fala sobre os sonhos como um canal de aproximação entre as pessoas, ao refletir sobre o “espírito da intimidade” (nome de sua obra). A autora africana fala que esse tipo de dom não é para qualquer pessoa.

Rosemberg Cariry (Antônio Rosemberg de Moura), em Neto (2021), discorre sobre a presença dessa habilidade em um dos cedrenses membros de sua família:

“Vovô Chiquinho era um camponês de boa fibra e um hábil artesão. Era surdo, mas tocava, numa concertina pé-de-bode, sempre a mesma música: um xote animado, que ele aprendera em um sonho e que chamávamos o ‘xote do diabo’.” (NETO, 2021, p. 48-49)

Refletir sobre isso, aponta para mais questionamentos acerca de novas possibilidades: talvez, através dos sonhos, se possa, também, fazer mal contra o espírito de alguém - entrar nos sonhos de uma pessoa e torná-los um inferno; ou, quiçá, possa-se, até mesmo, treinar novas habilidades em sonhos, como estudar ou praticar outra língua. Esses tipos de possibilidades poderiam mudar a forma de se pensar a relação sujeito-sonho-realidade.

Interessante é que existem elementos da magia que parecem não ter lugar fixo. Somé (2007) fala de um povo na África, o Dagara, e suas percepções podem facilmente ser percebidas no ethos de Cedro:

“Existem muitas formas de comunicar problemas à aqueles que podem nos ajudar. Algumas pessoas, por exemplo, têm o dom de comunicar-se por intermédio de sonhos e podem usar isso como uma forma de se conectar com os outros. ” (SOMÉ, 2007, p. 122)

Outro ponto interessante envolvendo os escritos de Sobonfu Somé (2007) é aquele que analisa os sujeitos que possuem relações homoafetivas. A autora coloca essas pessoas como portadores de uma espécie de “dom”. As pessoas que desenvolvem sua homoafetividade são vistas como guardiãs do “outro mundo” ou do “mundo espiritual”. Somé discorre:

“A vida dos homossexuais no Ocidente é, de muitas formas, uma reação à pressão da sociedade que os rejeita. Em parte, isso ocorre porque uma cultura que esqueceu tanto sobre si mesma desloca certos grupos de pessoas, como a comunidade gay, de seus verdadeiros papéis. Na aldeia, os homossexuais não são vistos como diferentes. [...] Essas crianças nascem guardiães, com propósitos específicos e são estimuladas a cumprir o papel para o qual nasceram, no interesse da comunidade. ” (SOMÉ, 2007, p. 122)

O entrevistado E5 (2021), que é homossexual e filho do entrevistado E2, que, segundo E5, também não é um homem hétero, conta um pouco sobre o que aprendera com o pai:

“Eu ouvia muito dos contos da botija. Que durante o sonho, um espírito vinha até você e dizia onde você tinha que cavar pra achar a botija. E não adiantava ir lá sem a visita do espírito, dizem que se fizesse isso a botija sumia. ” (Entrevistado 5)

O entrevistado E4 (2021) partilha das mesmas crenças, e afirma:

“Eu conheci um velho [...] que teve um sonho dizendo onde é que tinha uma botija. Pois ele acordou e foi lá e achou. ” (Entrevistado 4)

Somé discorre a respeito de pessoas que desenvolvem a homoafetividade de uma forma especial:

“As palavras “gay” e “lésbica” não existem na aldeia. Temos, sim, a palavra “guardião”. Os guardiães são pessoas que vivem no limite entre dois mundos - o mundo da aldeia e o mundo do espírito [...] todo mundo na aldeia os respeita, porque, sem eles, não haveria acesso aos outros mundos. ” (SOMÉ, 2007, p. 139)

Uma outra semelhança surgiu ao debater-se a temática deste trabalho na UNILAB: os conceitos de “corpo fechado” e “corpo aberto”, entre outros elementos da feitiçaria, apresentaram correlatos semelhantes na cultura de alguns alunos da Guiné-Bissau. Lá, se utiliza os conceitos “casa aberta” ou “casa fechada”, para se referir aos momentos de fechamento e abertura dos espaços para diferentes forças.

A entrevistada E9, uma das figuras femininas do campo, por vezes citou rituais que se assemelham ao que é praticado no Voodoo afrocaribenho - uma breve descrição dessas “simpatias” é feita em Brown (2006). E9 (2021) disse:

“Que tinha uma forma de acabar com a inimizade de uma pessoa, você escrevia o nome dela num papel e colocava dentro da boca do sapo, e depois costurava a boca do sapo. A pessoa então morreria ou ficaria louca. ”
(Entrevistada 9)

Passa-se, agora, ao debate sobre o catolicismo “rústico”⁷, que permeia as crenças dos sertanejos. Alguns entrevistados, que não foram citados aqui, até agora, afirmaram que antigos grandes feiticeiros da região apelavam para um conjunto de “rezas” para se proteger. Aqui entram especialmente as “rezas cangaceiras”, discutidas por Teles (2018), pois das descrições de feitiços dadas pelos entrevistados, muito se assemelham àquelas utilizadas pelos cangaceiros.

Essas rezas normalmente acompanham momentos de tensão – e, por vezes, suas manifestações sobrenaturais ocorrem em momentos de experiências de quase morte. Cinco entrevistados, de um total de aproximadamente 14, apresentaram contos nos quais os antigos rezadores conseguiam escapar da polícia, de linchamentos, de tiros e até mesmo de criaturas monstruosas, através da vocalização ou da mentalização de rezas.

Aparentemente, não são apenas as rezas em si que causam os feitiços, mas também a capacidade de manter uma série de preceitos e obrigações - como restrições alimentares e comportamentais específicas. Teles (2018) aprofunda-se nessa questão,

⁷ O catolicismo rústico pode ser descrito como um cristianismo que se mistura um tanto com um conjunto de práticas características da feitiçaria europeia: a repetição de rezas para o alcance de bênçãos, a crença na invocação e controle de demônios menores, o uso de sigilos, a manipulação de ervas, etc.

apontando quais tipos de rezas e preceitos específicos estão mais relacionados aos cangaceiros.

Outro tópico de debate é o da influência do catolicismo rústico no processo de cristalização desse imaginário das “rezas fortes”, na mente do sertanejo médio. Teles (2018) acredita que há uma raiz no cristianismo pagão, o que explicaria o número de repetições de trechos e de orações cristãs em meio às rezas cangaceiras.

O fato é que os sujeitos desta pesquisa apresentaram uma religiosidade recheada de influências diversas. A capacidade de recobrar de forma fragmentada ensinamentos ancestrais, entretanto, não permite que se recobre de forma integral a *memória iniciática*⁸ desses rituais.

Retalhos de uma memória iniciática: detalhes sobre a feitiçaria e a espiritualidade no sertão profundo Cedro-Ceará

E1 (2020), enfatizou que:

“Não dá pra aprender da noite pro dia, isso vem com o tempo, com a prática da oração e com o fortalecimento dos pensamentos. Uma boa mente é a única coisa capaz de lhe dar coragem nas horas de ameaça e de medo e de outras coisas. Assim como tem gente que não enxerga longe, tem mente que não aguenta algumas coisas, certas verdades. Só que não existe óculos para espírito fraco.” (Entrevistada 1)

A recomendação acima foi dada por um dos sujeitos centrais da pesquisa, uma Umbandista considerada uma boa guia pelo entrevistado E2. O interessante é que, conforme adentrava-se ao tema da feitiçaria, nota-se que há uma dificuldade imensa em realizá-la ou, pelo menos, de direcionar o feitiço de forma plena e em acordo com as intenções do praticante. A mente feiticeira também é tópico das entrevistas com E3, que fala um pouco do “desenvolvimento” do feiticeiro. Para E3:

“Tem gente que desmaia, tem gente que nunca mais fica com a cabeça no lugar (enlouquece). Por isso é uma coisa importante, feitiço não acontece todo dia. Pode ver, tem gente que nem fala do que viu do “outro mundo”, porque

⁸ Por memória iniciática - conceito dos autores - entende-se o conjunto de rituais de iniciação, progressões, estruturas hierárquicas e preceitos que criam a ordem de uma religiosidade/religião.

as coisas de lá são tão difíceis de entender que as pessoas preferem não falar com medo de assombrar os outros. ” (Entrevistado 3)

O desenvolvimento irregular da espiritualidade, portanto, possui uma relação conflituosa com o funcionamento normal da psique humana e vice-versa, de acordo com os entrevistados E3 e E1.

Outro sujeito do grupo familiar falou a respeito da necessidade de uma consciência/disciplina corporal plena para a realização do feitiço, mas essa disciplina, em sua descrição, também inclui o controle do foco mental e a capacidade de aperfeiçoamento e de fortalecimento desse foco seria um elemento fundamental do feitiço, em religiões indígenas como a Jurema. Para Grunewald; Savoldi, 2020,

“Assim, além dos catimbós que ainda se praticam em casas pequenas, dentro das casas de umbanda (ou de “jurema”) se resguardam espaços para se trabalhar – quer trabalhando na ciência pelo pensamento (trabalho mental), quer por meio da manifestação mediúnica – com os mestres próprios à jurema, que são chamados das suas cidades. ” (GRÜNEWALD; SAVOLDI, 2020, p. 227)

Para E3 (2020), o corpo seria como um dispositivo que, com a ajuda da mente e dos espíritos que acompanham o indivíduo, seria capaz de realizar um ato sobrenatural.

“[...] você tem que ter a cabeça no lugar, é preciso ter a mente quieta. Você não consegue mudar se você se assusta. Os espíritos só visitam aqueles que tem a mente no lugar para se comunicar. ” (Entrevistado E3)

É interessante afirmar que a espiritualidade ou os eventos sobrenaturais relatados pelos entrevistados sempre possuíam uma relação com a ideia de remediar, de curar, de reparar, de transformar. Desde a cura, através de fluidos corporais - citada por um dos entrevistados - até a cura, através de pontos riscados, o intuito de diferentes formas de realizar o feitiço está relacionado com o intuito de melhorar uma situação.

“As coisas de Deus vêm para melhorar nossa vida. [...] você não vê? Quando é uma reza pra amansar ou abrandar os corações dos inimigos, é uma coisa que acontece pra melhorar a situação, pra evitar uma briga, ou uma coisa pior. ” (Entrevistado E3, 2020)

Até a noção da magia “negativa”, isto é, aquela que visa impor um mal a alguém, talvez esconda uma positividade se olharmos reflexivamente para alguns exemplos de suas descrições. Na fala de E9 (2021), tem-se que,

“Essa magia do [...] ou faz a pessoa morrer ou perder a razão... Fica louca. Mas pode ser de nada acontecer” (Entrevistada 9)

O feitiço, portanto, não foi necessariamente compreendido como uma coisa totalmente controlada pelo praticante, pois seu efeito é imprevisível, por mais que exista um rol de efeitos previsíveis, alguns dos entrevistados afirmaram que não há como controlar o feitiço.

Acredita-se, nesse estudo, que o feitiço é uma manifestação da natureza, o ser humano pode ser um instrumento no meio disso, mas não é necessariamente seu protagonista ou dirigente. Os feitiços negativos, por vezes, estão associados a eventos de justiça social significativos, por exemplo, quando um opressor morria de forma súbita, como resultado de um feitiço qualquer. Nesses casos, a própria negatividade cria uma positividade - o livramento, mesmo que temporário, da opressão daquele malfeitor. Nem sempre a morte era o efeito alcançado, mas também a cegueira e outras enfermidades. Segundo E3 (2020),

“Veja como aconteceu com os [...], andavam pra lá e pra cá fazendo maldade, até que morreram eles e os outros num acidente. Tem que deixar nas mãos de Deus, ninguém controla isso não.” (Entrevistado E3)

Os exercícios propostos por E3, E2 e E4 para exercitar o espírito ou o feitiço, assemelham-se ao que hoje os estudantes de meditação chamam de meditação “mindfulness”. No discurso desses três, “virar homem” tem a ver com “abrir os peitos” - e apesar da descrição superficial dada em primeiro momento - o entrevistado E2 confessou depois, que “abrir o peito” tem a ver com o exercício da meditação consciente sobre o peitoral do sujeito que tenta o feitiço. Essa região guardaria as chaves da progressão espiritual do sujeito.

De acordo com as palavras dadas por E2 (2020), “é preciso apenas prestar atenção no coração”. Completou:

“Eu falo é do coração mesmo, você tem que pensar no seu coração, nos seus peitos. Feche os olhos e tente imaginar o seu corpo como se fosse um mapa, e

cada cidade (pedaço do corpo) possui suas funções e sensações, sempre que você foca sua atenção em um dos pedaços do mapa, você pode sentir melhor ele. Aí você escuta o que cada pedaço seu tem a dizer pra você, e o coração é o mais importante. Quando você consegue ter um foco sereno no peito, os espíritos lhe guiam e fica mais fácil de encantar. ” (Entrevistado E2)

O exercício da *sensação focada* é portanto fundamental para desenvolver o feitiço e aquilo que E2 e E3 chamaram de “presença”⁹. O campo exaltou especialmente a meditação no peito, na ponta dos dedos e na palma das mãos. Outras partes do corpo também foram citadas, como o pomo de adão e também o centro da testa. Cada parte do corpo, portanto, seria um caminho para o “outro mundo”.

Cabe ressaltar aqui experiências correlatas incríveis, do pesquisador, antes mesmo de saber dessas instruções ancestrais. Foi importante poder, primeiramente, *sentir* momentos de presença, para, só depois, tentar *entendê-los* racionalmente.

O que se extrai disso é que a espiritualidade é antes de tudo mais *sentimento* que *razão*. Existem sim rituais com uma lógica determinada, mas as coisas do “outro mundo”, por vezes, parecem transbordar as burocracias de quaisquer ritos. Um componente específico, o da intensidade da intenção, é de se observar com cautela pois, de acordo com os dados colhidos, muitos dos feitiços foram feitos em momentos de puro desespero: nesses momentos, o foco tornou-se mais intenso, devido aos perigos que cercam o feiticeiro. Uma outra forma de alcançar a intensidade de intenção é a prática da reza, da aceitação e da serenidade. Para E2 (2020):

“Você tem que entender que o que acontece é porque era para acontecer. Se acontecer é porque é da natureza e de Deus que aconteça. Geralmente a pessoa tem pouca importância no feitiço e também é raro que alguém entenda o que acontece em um feitiço” (Entrevistado E2)

Para E8 (2021), em alguns tipos de feitiço são necessários apenas um só foco direcionado para partes específicas do corpo:

“Olha, para fazer [...] você tem que pensar só nas suas mãos. Um sinal de que está dando certo é que você tem que sentir um calor anormal que

⁹ Uma espécie de disposição ou estado de prontidão para a realização de feitiços, mas também diz respeito a uma espécie de irradiação emocional ou de projeção da identidade de cada feiticeiro no seu entorno - cada coração guardaria uma presença única.

aumenta de repente, ou então como se tivesse levando um choque nas mãos, como um formigamento. ” (Entrevistado E8)

De acordo com Teles (2018), a reza da pedra cristalina - utilizada por cangaceiros para blindar o corpo - é enorme e cheia de repetições. Para o entrevistado E3, entretanto, ela se resume a um único som curto que advém de uma abreviação da expressão “corre água pelo cano”. Essa expressão, falada de forma abreviada e com um sotaque específico, salva qualquer um de uma morte violenta. No quesito da originalidade, a abreviação conhecida por E3 parece ser única, mas também traz o questionamento: é de fato apenas uma abreviação de uma expressão da língua portuguesa ou uma palavra de alguma língua antiga?

Uma outra reza importante é a reza de avultamento. O conceito de avultamento é utilizado para se referir ao que podemos entender enquanto: a) teletransporte; b) invisibilidade; c) mudança de forma (*shapeshifting/metamorfose*). Para Mascarenhas (2020),

“Segundo a mitologia, Metamorfos são seres que se transformam no que querem. Começam humanos, mas mais tarde aprendem a mudar sua forma, apenas observando quem querem ser. Metamorfose, também conhecida como transformação, é uma mudança na forma ou no formato de uma pessoa, especialmente uma mudança da forma humana, de forma animal ou uma mudança na forma de aparição de uma pessoa para outra. ” (MASCARENHAS, 2020)

Na cidade de Cedro existem também crenças compartilhadas por um número considerável de sujeitos, especialmente os mais velhos, pessoas capazes de feitiços avançados. A figura de Zezin de Luciano é uma pessoa (já falecida) que surgiu em diversas entrevistas, ele era conhecido como um dos “metamorfos” da cidade: podia se transformar em animais, tocos de madeira, plantas ou simplesmente sumir.

Três dos entrevistados afirmaram que ele, de fato possuía esse poder. Um dos entrevistados disse ter presenciado uma dessas transformações. O caso de Zezin de Luciano é um dos mais conhecidos na região, mas o do entrevistado E6 também é outro extremamente conhecido na cidade. Esses homens conhecem rezas que, segundo a oralidade consultada em campo, lhes davam premonições e outros poderes. Vários afirmam que Zezin de Luciano “se avultava num jumento” ou num cavalo.

As histórias que E3 e E7 contam a respeito dos avultadores, nos tempos mais antigos, são semelhantes: os rezadores eram tão bons na ciência de avultamento que, segundo eles, a própria polícia buscava centralizar ou atrair praticantes para dentro da força policial, pois só um iniciado sabia identificar outro.

O entrevistado E8 afirmou ter visto uma metamorfose de perto, enquanto o entrevistado E5 disse que o feiticeiro Zezin de Luciano, de fato, podia se transformar em animais (como um cavalo ou um carcará), pois conseguia facilmente se locomover por distâncias muito grandes, dependendo de curtos períodos de tempo.

Outro feitiço importante no campo é o de encontrar animais e o da premonição: há uma série de outras magias envolvendo o mundo animal, que também são citadas nas entrevistas. Homens e mulheres possuíam habilidades especiais para encontrar animais perdidos nas roças, assim como para curar e inclusive reviver animais já mortos, utilizando de fluidos corporais, pontos riscados e outras ferramentas.

Segundo relato de E7 (2021),

“Ele sabia dizer sempre onde tava o boi ou quando o boi ia voltar. Você poderia ir lá e perguntar, ele dizia ‘fulano vai tal hora vir lhe falar onde o boi está, de forma tal e tal’. E acontecia mesmo, em detalhes.” (Entrevistado E7)

O campo permitiu, até aqui, aos sujeitos e ao pesquisador adentrar/revisitar um mundo interior sagrado, místico e religioso. Acredita-se que é no interior mais profundo deste ser-tão que se processam os retalhos de uma memória iniciática e os detalhes sobre a feitiçaria e a espiritualidade no sertão profundo Cedro-Ceará.

Conclusão

Diante do material apresentado, surgiram algumas reflexões a respeito do que se pode estipular sobre os dados. Considerou-se a possibilidade de que a prática desse sem-número de elementos, oriundos de matrizes religiosas diferentes, aponta para uma ancestralidade encruzilhada por diversos povos. A imprecisão na definição dessas origens, provavelmente se dá pelo que Missiato (2021) chama de “memoricídio” das populações negras - dado que há um número considerável de pardos e negros na família estudada. O memoricídio seria o processo histórico no qual um grupo racial impõe um esquecimento a outro grupo racial, através do silenciamento, do trauma e da perseguição.

Os pais do entrevistado E3 foram/são o grande elo ancestral de quase todos os sujeitos da pesquisa. O fato de ele ainda reter tantos conhecimentos a respeito de suas origens indica que os seus ancestrais não foram rezadores amadores. As semelhanças dos elementos etnografados com a Jurema e com as religiões/religiosidades de povos indígenas trazem indícios de uma possível ancestralidade originária - o que poderia ser confirmado com estudos mais profundos, tendo em vista que os próprios entrevistados afirmaram serem descendentes de uma ancestral oriunda de povos tradicionais, que fora capturada para a vida “civilizada”.

O racismo religioso teve papel relevante, nesse esquecimento. Os entrevistados, por vezes, reproduzem estereótipos, sendo que o peso negativo destes recai sobre eles mesmos. Isso significa também que podem haver outros elementos que não foram abordados nem neste artigo.

Por fim, para responder um dos questionamentos feitos no início do trabalho, constatou-se que algumas das crenças do grupo familiar não se limitam a ele e permeiam o imaginário de outros cedrenses. Cedro é popularmente conhecida como “a terra de mil encantos”, e esse trabalho buscou contribuir para a identificação de alguns destes, mas ainda há muito a se fazer em relação ao resgate da memória, da oralidade e dos saberes ancestrais, para compreensão do sagrado, do religioso, das religiosidades – do sentir, viver e estar nesse “mundo” para ser-tão profundo.

Referências Bibliográficas

ACADEMIA CEDRENSE DE LETRAS, **Antologia literária do centenário de Cedro Ceará**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2021.

BECKER, Howard S. **Uma teoria da ação coletiva**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

BROWN, Karen McCarthy. Afro-Caribbean Spirituality: A Haitian Case Study. *In Voodoo in Haitian Life and Culture: invisible powers*. 1. ed. Nova Iorque, 2005.

GRUNEWALD, Rodrigo de Azeredo; SAVOLDI, Robson. Cada Jurema é uma Jurema: Continuidade, rupturas e inovações em religiosidades no Brasil. **Revista del CESLA**, v. 26, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A Queda do Céu**: Palavras de um Xamã Yanomami. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MASCARENHAS, Raul Meneleu. **Cangaceiros Envultados**: A credence popular como registrada. 2020.

MISSIATO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. **Revista Memória em Rede**, v. 13, n. 24, 2021.

RODRIGUES, Silvio Ferreira. **Esculápios tropicais**: a institucionalização da medicina no Pará, 1889-1919. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, 2008.

SANTOS, Juana Elbein dos. **Os Nàgô e a morte**: Pàde, Àsèsè e o culto Égun na Bahia; traduzido pela Universidade Federal da Bahia. Petrópolis: Vozes, 1986.

SCHOUTEN, André-Kees de Moraes. **Peregrinos do sertão profundo**: uma etnografia da música de Elomar Figueira Mello. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2005.

SILVA, Maria Eliene Magalhães da. **Rezadeiras**: marcadores das africanidades no estudo pretagógico da reza e cura em quilombos de Caucaia-Ce. Fortaleza: Imprece, 2020.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. 2 ed. São Paulo: Odisseus Editora, 2007.

TELES, Miguel Angelo Almeida. Horas abertas, corpos fechados: a religiosidade no Cangaço. *In* Seminário Angicos 80 anos: o Crepúsculo do Cangaço. 2018. Bahia. **Apresentações**. Bahia, 2018.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.